

**ENSINO DE INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS:  
O QUE PENSAM PAIS, ALUNOS E  
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO**

Telma Nunes **GIMENEZ**

Universidade Estadual de Londrina

Jussara Olivo Rosa **PERIN**

Universidade Estadual de Maringá – Instituto de Línguas;

Centro Universitário de Maringá – CESUMAR

Marisa Marques de **SOUZA**

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procópio

CEFET/UNED C.P.

**Resumo:** No final da década de 70 foi realizado um trabalho de levantamento das opiniões de professores e alunos da rede pública do Estado do Paraná sobre o ensino de inglês (Tílio, 1979, 1985). Em 2001 dois outros trabalhos de cunho etnográfico foram realizados em duas cidades do mesmo estado, visando captar as percepções de alunos, professores, gestores escolares e pais de alunos a respeito do ensino da mesma língua estrangeira. Neste artigo apresentaremos o resultado desses estudos, mostrando que a passagem do tempo parece não ter afetado as concepções sobre o ensino da língua inglesa no contexto da rede pública de ensino do Paraná.

**Palavras-chave:** ensino/aprendizagem de inglês; escolas públicas.

**Abstract:** A survey on English Teachers and students' opinions about English teaching/learning in public schools was developed in Paraná in the late seventies (Tílio, 1979). In 2001 two other ethnographic studies were carried out in two other towns in the

same state, focusing students', English Teachers's and staff's perceptions as concerns English teaching. Such studies' results are presented in this paper, and they reveal that as times goes by, many perceptions of teaching/learning English in public schools have remained unchanged.

**Key words:** English teaching/learning; public schools

**Resumen:** A fines de los años setenta se realizó un trabajo de examen de las opiniones de profesores y alumnos de la red pública del Estado de Paraná sobre la enseñanza de inglés (Tilio, 1979, 1985). En 2001 otros dos trabajos etnográficos fueron realizados en dos ciudades del mismo estado, planeando captar las percepciones de alumnos, profesores, gestores escolares y padres de alumnos respecto a la enseñanza de la misma lengua extranjera. En este artículo presentaremos el resultado de esos estudios, mostrando que el paso del tiempo parece no haber afectado las concepciones sobre la enseñanza de la lengua inglesa en el contexto de la red pública de enseñanza de Paraná.

**Palabras-clave:** enseñanza /aprendizaje de inglés; escuelas públicas

### **Introdução**

A sensação de que o ensino de língua inglesa nas escolas públicas, de modo geral, não tem produzido os efeitos desejados, vem de longa data. Tílio (1979) investigou as diferentes faces do ensino da língua estrangeira sob o ponto de vista de 115 alunos do último ano do Ensino Médio, 126 professoras de Inglês do Ensino Médio em escolas públicas, 18 professoras do Ensino Universitário público e particular (das disciplinas Língua Inglesa e Prática de Ensino) e 131 graduandos em Letras. Concentrou-se na análise das atitudes de professores e alunos e sua possível co-relação com fatores como as políticas oficiais de ensino de

Línguas Estrangeiras, fatores profissionais, pedagógicos, sociais, econômicos e culturais, buscando esclarecer as razões para os padrões de ensino de inglês considerados ‘pobres’ em nossa região. Envolveu 73 cidades das micro-regiões de Maringá, Londrina, Paranavaí, Arapongas e Mandaguari. Utilizando questionários seguidos de entrevistas, obteve primeiramente dados como a formação educacional dos professores de inglês em serviço, ou as razões dos professores pré-serviço para a escolha da profissão. Com a aplicação de questionários, obteve dos alunos ampla informação sobre sua situação econômica, social e cultural. No que se referia às atitudes frente o ensino/aprendizagem de inglês, os resultados já indicavam que havia uma discordância total em relação às habilidades que os professores enfatizavam nas aulas – a leitura e a escrita e as habilidades que seus alunos realmente desejavam que fossem desenvolvidas, a compreensão oral (ouvir e entender músicas principalmente) e a comunicação (fala).

Constatou que a reclamação constante de professores era de que os alunos pareciam desmotivados em função de não verem valor nenhum na aprendizagem do inglês, “uma vez que não tinham pretensões de deixar o país”.

Essa valoração instrumental da língua estrangeira parece ter impacto na sala de aula, na medida em que os alunos não vêem razão para aprendê-la. Apesar de reconhecer que alguns educadores explicam essa desmotivação em função da discrepância entre o que os professores ensinam e o que os alunos querem aprender, Tílio questionava essa falta de interesse e pergunta-se se isto não seria restrito apenas ao contexto da escola. Salientando a crescente demanda por inglês na sociedade de modo geral, pôs-se a investigar a questão. Os resultados indicaram que os professores estavam se concentrando no ensino de gramática e textos através da tradução, embora tivessem interesse em trabalhar as quatro habilidades. As razões para não o fazerem incluíam a falta de condições adequadas e o número de horas de aulas de inglês.

Os alunos, por sua vez, tinham interesse em continuar estudando inglês, demonstrando consciência de sua importância para o prosseguimento de estudos em nível superior. A maioria advogava acréscimo no número de horas e anos de estudo na escola secundária.

Os estudantes tinham maior interesse em aprender a falar e ouvir, em contraste com os professores, que enfatizavam a leitura. O trabalho de Tílio reforçava novamente o descompasso entre o que os professores gostariam de fazer ou estavam fazendo, e os desejos dos alunos. São também atuais e relevantes as conclusões as quais a pesquisadora chegou: o grau de interesse por uma língua estrangeira e sua cultura entre professores e alunos e sua motivação para estudá-la, em muito dependem do valor que ambos dão a este estudo, no que se refere à necessidade futura. As necessidades destacadas à época referem-se a mercado de trabalho, especialmente o existente na sua própria comunidade mais imediata.

É preciso salientar que esses significados atribuídos à língua inglesa fora da escola, voltados para melhoria de sua competitividade no mercado de trabalho, não têm a mesma valoração nas diretrizes educacionais que justificam a inclusão de uma língua estrangeira no currículo em função do valor educacional do seu aprendizado, cujo objetivo principal seria o de desenvolver a competência intercultural. Note-se que a indicação pelos alunos de que a língua inglesa é útil para se conseguir um bom emprego difere das percepções obtidas por Leffa (1991) em um estudo com 33 crianças da 5ª. Série de uma escola da grande Porto Alegre. Ali, ao responder a tarefas com personagens de livros didáticos, os alunos viram o inglês como sendo uma matéria curricular, essencialmente vinculada a objetos escolares e seu aprendizado servindo principalmente para quem iria ser professor de inglês. Esses resultados apontam para a necessidade de se considerar sempre o modo como os dados são coletados em pesquisas.

Mais recentemente, dois outros estudos foram realizados no Estado do Paraná visando levantar as percepções de professores, administradores escolares, pais, e alunos a respeito do ensino/aprendizagem de inglês na escola pública. Os trabalhos de Perin (2002) e Souza (2002) se basearam na necessidade de se estudar de forma ampliada, e sob a perspectiva dos participantes, como o processo de ensino/aprendizagem de inglês é percebido na escola pública.

O pressuposto de Perin (op.cit) foi de que as percepções pessoais sobre a realidade escolar e sobre o processo de ensino/aprendizagem refletem o modo como os participantes deste contexto vêem o mundo e fazem com que eles ajam de determinada maneira, e que, de certa forma, fazem as coisas acontecerem ou não dentro da escola. O estudo procurou captar tais percepções, ou seja, os entendimentos que os participantes - alunos, professores e gestores escolares - têm do que significa ensinar/aprender a língua inglesa em uma escola pública.

Perin desenvolveu uma pesquisa etnográfica (Cohen e Manion, 1994; Strauss e Corbin, 1990), com a utilização de vários métodos de coleta de dados e observação (Powney e Watts, 1987; Schratz, 1993), o que possibilitou vislumbrar um amplo panorama de percepções, além dos já produzidos pelas pesquisas sobre a sala de aula de Língua Estrangeira.

Foram ouvidos a diretora geral e os diretores auxiliares, a coordenadora pedagógica geral, os orientadores pedagógicos, os supervisores (num total de 13 gestores escolares), as quatro professoras de Língua Inglesa da escola e alunos de cada série e turno em que a Língua Inglesa figura na grade curricular (um total de 93 alunos) de uma escola pública de grande porte na região de Maringá. Especificamente, a pesquisa procurou caracterizar o contexto de atuação dos professores de língua inglesa, ou seja, a escola, o espaço físico onde o processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa ocorre, através da sua descrição, além da análise de sua proposta pedagógica e dos

relatos de sua história. Contou também com a observação das aulas de língua inglesa e a documentação fotográfica dos ambientes, acontecimentos e atividades desenvolvidas que envolvessem o ensino/aprendizagem de inglês dentro da escola pesquisada. Com a triangulação dos dados obtidos com a equipe administrativa e pedagógica da escola, com os professores e alunos, procurou estabelecer as percepções dos diferentes envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa, categorizados em: 1) importância de se aprender Inglês na escola pública; 2) status da disciplina na escola; 3) condições reais de ensino/aprendizagem de inglês; e 4) condições ideais para que tal processo ocorresse de forma efetiva.

Constatou-se que a posição sócio-econômica da grande maioria dos alunos (considerada elevada perante outras escolas públicas da região) interfere no grau de importância que os mesmos dão a aprender inglês em escola pública, já que grande parte dos alunos poderia frequentar cursos de idiomas fora da escola. Além disso, alguns gestores escolares e professores de inglês da escola pesquisada revelaram existir clara distinção entre alunos dos turnos diurno e noturno, acreditando estarem os últimos em posição social e econômica inferiorizada, o que influiria na importância que os mesmos dariam a aprender o idioma e o uso efetivo que os mesmos fariam deste conhecimento ao se colocarem no mercado de trabalho.

Apesar de reconhecerem a importância de saber inglês nos dias atuais, e acreditarem na sua importância quando da disputa de melhores empregos, os alunos tratam o ensino de Língua Inglesa na escola pública ora com desprezo, ora com indiferença, o que causa, na maioria das vezes, a indisciplina em salas de aula com o número de alunos acima do ideal para se aprender um novo idioma. Este processo cíclico causa o estresse do professor, mais indisciplina, mais indiferença e obviamente, a frustração final do processo. Este processo evolui também em mão-dupla, ou seja, o desinteresse dos alunos faz com que mesmos

não percebam a evolução dos conteúdos, o que por sua vez nem sempre ocorre dentro de uma escola com alta rotatividade de professores.

O resultado final não pode ser evitado: o professor trabalha com a sensação de que o aluno não crê no que aprende, demonstrado na indisciplina e menosprezo pelo o que o professor se propõe a fazer durante a aula. Por outro lado, os alunos mostram-se cientes de que o professor, por não desenvolver um programa global, contínuo e progressivo (fato mais criticamente observado no Ensino Médio), não se sente à vontade para 'cobrar' dos alunos os conteúdos de forma mais efetiva, por estar consciente do provável fracasso dos mesmos.

Como a grande maioria dos alunos, os gestores escolares reconhecem a importância de saber inglês, mas muitos atrelam somente às qualidades pessoais e lingüísticas dos professores e a sua forma de desenvolver os conteúdos em suas aulas o status que a disciplina possui na escola.

Com relação às condições reais, Perin (2002) afirma que ensinar/aprender inglês em escola pública se desenvolve em um processo cíclico de causa e efeito: a escola (que já não conta com espaço físico adequado para o ensino de línguas para um número elevado de alunos), por não poder interferir na contratação e escolha dos profissionais para atuarem na área de Língua Estrangeira, não se sente responsável pela atuação de alguns de seus professores. A falta de incentivo (profissional e financeiro) faz com que os profissionais disponibilizados pela Secretaria Estadual de Educação (alguns complementam sua carga horária com a disciplina) não se estabeleçam em uma escola efetivamente. A alta rotatividade de professores faz com que muitos, por não se estabelecerem por muito tempo em uma escola, não se mostrem engajados e interessados em se desenvolverem individualmente e em grupo desenvolverem um programa evolutivo para a disciplina, o que os faz partir para práticas de atuação individualizada. Isto impede o desenvolvimento de um

programa progressivo para a disciplina, o que causa em grande parte dos alunos e em alguns gestores escolares a sensação de não progressão e continuidade dos conteúdos, de se estar sempre ensinando e aprendendo a mesma coisa, o que acarreta na definição de não-seriedade da atuação do professor e na conseqüente desvalorização da disciplina dentro da instituição. O ciclo se repete, promovendo cortes na carga horária, menor oferecimento de oportunidades de trabalho e conseqüente preenchimento de carga horária por professores de outras disciplinas, e assim por diante...

As professoras pesquisadas por Perin (2002) trabalhavam e conviviam com o desinteresse – demonstrado, sem rodeios, pelos alunos. Este desinteresse, revelado também por alguns dos membros da comunidade escolar, convive em descompasso com o esforço para ensinar de algumas professoras e as suas próprias expectativas de aprendizagem por parte dos alunos.

Por outro lado, idealmente, na pesquisa de Perin (2002), as soluções teriam como ponto de partida a vontade governamental. A partir dela, os professores estariam mais encorajados a investir em si próprios e na sua formação profissional (de forma independente, individualizada e apropriada a cada profissional). Sentindo-se confiante profissional e financeiramente, o professor não precisaria procurar por atividades outras ou complemento de carga horária em diversas escolas, e se estabeleceria em uma escola somente, completando a sua carga horária. Isto o levaria a trabalhar com um grupo de professores de uma mesma escola por mais tempo, e conseqüentemente desenvolver projetos intra e interdisciplinarmente com os demais professores da escola. Este processo promoveria a valorização da disciplina frente os demais professores de outras áreas, além dos gestores escolares e alunos, que constatariam a evolução dos conteúdos e o envolvimento do Inglês com as demais disciplinas, resgatando o seu valor no desenvolvimento escolar global.

A pesquisa de Souza (2002), realizada em uma escola pública de grande porte no norte do Estado do Paraná, trata de um estudo das percepções dos professores, alunos, pais e gestores da escola sobre o ensino de Língua Inglesa, tendo como pano de fundo a caracterização da escola nas suas dimensões sócio-econômico-físico-educacionais. Sua pesquisa buscou realizar um trabalho que pudesse apreender o dinamismo próprio da vida escolar, estudando-a com base em três dimensões: institucional, instrucional e sociopolítica/cultural.

Na análise dos dados, a fala de cada um dos participantes da pesquisa, (de alunos, professores de inglês ou gestores escolares e pais de alunos), além dos momentos de observação e convivência com o cotidiano escolar revelou o que acontece nos corredores, nas salas de aula, no pátio ou em qualquer outro ambiente da escola pública onde se materialize qualquer momento de ensino/aprendizagem de inglês. Como em um quebra-cabeças, procurou-se relatar a visão, a percepção de cada um dos envolvidos no processo estudado.

Com a participação de 200 alunos e 196 pais, os resultados obtidos por Souza (2002) atestam que 100% dos pais pesquisados consideram o ensino de LE na escola pública como muito importante; 98% dos alunos participantes da pesquisa também partilham dessa mesma percepção. Tanto os pais como os alunos, na sua maioria, atribuem essa importância ao mercado de trabalho e status social. De forma semelhante, os professores de LI e gestores escolares entrevistados percebem, fortemente, a importância do ensino de LE na escola e, embora atribuindo seu valor a diversos motivos, há uma percepção mais acentuada comum a todos eles, do valor instrumental, do preparo para o mundo do trabalho e da competitividade.

Em relação à LE que deveria ser ensinada na escola, a maioria dos pais (53.0%) escolheu a Língua Inglesa como aquela mais importante, seguida da Língua Espanhola (21.9%), também alegando motivos instrumentais (emprego futuro, status social,

acesso à economia mundial). Os alunos escolheram a Língua Espanhola como aquela que eles gostariam de estar aprendendo na escola (43.0%), seguida da escolha da Língua Inglesa (37.5%). Embora também tenham alegado motivos instrumentais como os seus pais, os alunos justificaram sua escolha pela Língua Espanhola devido a facilidade de aprendizagem (83.7%). Os professores e gestores não demonstram dúvidas a respeito da LE que deve ser ensinada na escola, elegendo, unanimemente, a Língua Inglesa como a mais importante e mais utilizada no mundo atual.

No que concerne ao ensino de LI oferecido aos seus filhos na escola, a maioria dos pais percebem-no como satisfatório (42.6%), seguido, não muito distante, dos que não estão satisfeitos (36.5%). Também foi significativa a porcentagem de pais que consideram o ensino de LI na escola como “razoável”: 14.6%. Dentre as razões apontadas pelos pais que estão satisfeitos com o ensino de LI na escola, destacam-se: a percepção de que o ensino de LI está contribuindo para o futuro profissional dos filhos (25.7%); a percepção de que os seus filhos gostam dessa matéria escolar (17.1%) e a percepção de que seus filhos estão adquirindo novas culturas (14.2%). Dentre as razões apontadas pelos pais que não se sentem satisfeitos com o ensino de LI na escola pública, destacam-se: a percepção de que o ensino de LI é fraco porque seus filhos não sabem falar a língua (42%); a percepção de que no ensino de LI na escola só se aprende o “básico” (30%), e alguns pais mostraram-se insatisfeitos com o ensino de LI pela falta de material didático (10%).

Com relação aos alunos, a maioria deles sente satisfação em aprender LI na escola (82%), seguida daqueles que não se sentem satisfeitos (10%). As razões apontadas pelos alunos que demonstraram satisfação em aprender a língua inglesa na escola são: a percepção de que estão aprendendo uma língua que contribuirá para seu futuro profissional (60.9%); a percepção de que esse ensino possa facilitar a comunicação em possíveis viagens

internacionais (24.3%) e a percepção de que através do seu ensino adquire-se um maior conhecimento e cultura (14.6%).

No que tange às atividades que os alunos mais gostam de realizar nas aulas de LI, a percepção da maioria deles indica o trabalho em grupos, envolvendo músicas, jogos, vídeos, etc...(51.0%), seguido de trabalhos com textos (23.5%) e atividades orais (18%). Dentre as atividades que os alunos menos gostam nas aulas de LI, a opinião dos alunos aponta para cópias do quadro-negro e tradução (35.5%); apresentação de diálogos na frente da sala (28.5%) e atividades escritas envolvendo tempos verbais (21.5%). A maioria dos alunos expressa seu desejo de que gostariam que suas aulas de LI fossem diferentes (70%), sugerindo atividades mais dinâmicas e criativas (57.4%), seguido da necessidade de se ter um livro didático de LI (30.7%).

Como sugestões para melhorar o ensino de LI na escola pública destaca-se a percepção dos pais de que os professores deveriam motivar mais os alunos na sala de aula (34.7%), seguido da percepção de que há poucas aulas de LI na escola para que se tenha um resultado mais efetivo e, portanto, sua carga horária deveria ser maior (23.1%).

Embora também percebam a importância e necessidade de um maior dinamismo e criatividade nas aulas de LI, os professores e gestores escolares participantes desta pesquisa atestam a dificuldade de se realizar esse tipo de ensino na escola pública, devido às suas reais condições de trabalho, dentre os quais o elevado número de alunos em sala de aula, a intensificação de tarefas e aulas do professor, a burocracia e a falta de uma cultura escolar colaborativa.

Recentemente, em 2001, um levantamento realizado pelo CELEM/Secretaria de Educação do Estado do Paraná com 677 alunos, 281 pais e 79 profissionais da educação, através de questionário de múltipla escolha, revelou que alunos e pais estão em sintonia no que diz respeito às expectativas de resultados do aprendizado, e ambos em dissonância com profissionais da

educação. As respostas (dispostas no quadro 1, em anexo) confirmaram que professores têm um desafio gigantesco pela frente que é o de re-significar o ensino de língua inglesa nas escolas públicas.

Essa tarefa se situa em um contexto que atribui ao professor a grande responsabilidade pela solução dos problemas. Observe-se que o quadro revela a valoração instrumental que pais e alunos dão à língua inglesa, vista como um instrumento de ascensão social. Por outro lado, os profissionais da educação ainda que atribuindo grande importância ao uso imediato da língua, o situam no campo da leitura. Embora esses resultados não queiram dizer que os professores estejam enfatizando a leitura em suas aulas, eles mostram que pais e alunos por um lado, e professores por outro, pensam de modo diferente sobre quais habilidades deveriam ser privilegiadas no aprendizado de inglês.

A necessidade revelada pelos alunos de praticar a oralidade precisa ser exposta e questionada em sala de aula. Como vimos nos resultados dos levantamentos com diferentes grupos, não há consenso sobre as razões para se aprender a língua inglesa. É preciso que os objetivos estabelecidos pelas autoridades educacionais se tornem claros para os aprendizes. A escola precisa, fundamentalmente, apresentar visões alternativas sobre porquê aprender uma língua estrangeira. Essa justificativa precisa se contrapor ao discurso encontrado fora da sala de aula, que a vê como uma forma de ascensão social centrada na capacidade de uso para “falar com estrangeiros”. A tarefa de professores é trabalhar as contradições dos diversos objetivos frente à situação concreta de aprendizagem.

### **Considerações finais**

Seja na fala contundente e reveladora de alunos que se mostram cientes da atual precariedade da situação do ensino de língua inglesa, seja no tom emocionado de tristeza e frustração

de professores que, acuados, aceitam a realidade, seja no discurso daqueles que administram a escola como um todo, vemos um quadro desfavorável ao aprendizado de inglês em escolas públicas.

Este quadro não parece ter se alterado desde o final dos anos 70. Embora os dados aqui apresentados tenham sido coletados fundamentalmente de modo qualitativo, eles refletem um quadro existente. Pode-se questionar seu grau de generalidade, mas ele nos traz uma realidade.

Inovar nesse contexto, melhorando o ensino/aprendizagem da língua inglesa significa atuar em diversas frentes. Uma delas diz respeito à formação dos professores que atuam em sala de aula. Outra diz respeito às condições para esse ensino. Uma outra ainda se vincula ao estabelecimento de objetivos e metas realistas para esse ensino.

Nos últimos três anos o Paraná investiu em um programa de capacitação de professores de língua inglesa, voltado em um primeiro momento para o desenvolvimento das habilidades de uso da língua inglesa. Embora não se possa admitir que somente a competência lingüística do professor seja responsável pela falta de interesse do aluno em aprender inglês efetivamente na escola pública, um professor que não saiba o que irá ensinar está fadado ao fracasso. Entretanto, é preciso ir além das habilidades de falante da língua. Como os estudos mostraram, as condições de trabalho e a falta de sintonia entre o que se quer ensinar e o que se quer aprender precisam também ser discutidos.

Com relação a esse descompasso, como vimos, é preciso, essencialmente, rever os motivos pelos quais a língua inglesa é ensinada. Se há um hiato entre o que pensam os diversos agentes envolvidos, seria necessário equacionar essas divergências. Conhecê-las é um primeiro passo rumo a essa equação.

### **Bibliografia**

CAMERON, D. et al. **Researching language: issues of power and method.** London and New York: Routledge, 1992.

COHEN, L.; MANION, L. *Research methods in education: fourth edition*. London and New York: Routledge, 1994.

GIMENEZ, T. N. **Transversalidade**: educação para a cidadania na aula de LE. Londrina, 1999. [Texto mimeografado].

KOSUMEN, T. Making sense of the curriculum: experienced teachers as curriculum makers and implementers. In: CARLGREN, I. et al. **Teachers' minds and actions**: research on teachers' thinking and practice. London – Washington, D.C.: The Falmer Press, p. 239-253, 1994.

LEFFA, V. J. A look at students' concept of language learning. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, Campinas, v.17, n.1, p. 57-66, jan/jun 1991.

MALATÉR, L. S. **A criatividade e a escola pública**: reflexões de professoras em serviço. Rio Grande. Mimeo 2001. Trabalho apresentado no 11º Inpla.

MOITA LOPES, L. P. A formação teórico-crítica do professor de línguas: o professor-pesquisador. In: MOITA LOPES, L. P. **Oficina de lingüística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996. [Capítulo 12, p.179-188].

PAIVA, V. L. M. de O. A identidade do professor de Inglês. **APLIEMGE**: ensino e pesquisa. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, p.9-17, 1997.

PERIN, J. O. R. **Ensino/aprendizagem de língua inglesa em escola pública: um estudo etnográfico**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2002.

POWNEY, J.; WATTS, M. **Interviewing in educational research**: education books. London: Routledge, 1987.

SCHRATZ, M. **Qualitative voices in Educational Research**. Nova York: The Falmer Press, 1993.

SOUZA, M. M. **Percepções sobre o ensino de língua inglesa numa escola pública no norte do Paraná**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2002.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: grounded theory, procedures and techniques**. USA: Sage Publications, 1990.

TÍLIO, M. I. C. **Teachers' and pupils' attitudes towards the teaching of English in Brazil: a case study in Paraná**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – University of London: Londres, 1979.

	ALUNOS	PAIS	PROF. EDUCAÇÃO
Espero aprender inglês para nos próximos 2 anos	62% - manter uma comunicação mínima com estrangeiros 46% - utilizar melhor o computador	56% - manter uma comunicação mínima com estrangeiros 55% - utilizar melhor o computador	79% - compreender pequenos textos 46% - manter uma comunicação mínima com estrangeiros
Espero aprender inglês para nos próximos 5 anos	60% - arrumar emprego em uma empresa multinacional 44% - passar no vestibular	69% - arrumar emprego em uma empresa multinacional 56% - passar no vestibular	55% - ler livros, revistas e jornais em inglês 39% - arrumar emprego em uma empresa multinacional
As habilidades na língua inglesa serão importantes para	77% - conseguir melhores colocações profissionais 40% - conseguir me comunicar com pessoas de outro país	83% - conseguir melhores colocações profissionais 41% - ser bem sucedido em concursos	83% - conseguir melhores colocações profissionais 36% - estar apto a participar de cursos e intercâmbios

Quadro 1: O que pensam alunos, pais e profissionais da educação sobre resultados desejados para o aprendizado de língua inglesa